

RESULTADOS PARCIAIS DO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO: O ATRAVESSAMENTO DA GEOPOÉTICA NO DISCURSO PÓS-COLONIAL EM A GERAÇÃO DA UTOPIA, DE PEPETELA¹

SILVEIRA, Louise da²; FARIAS, Vera Elizabeth Prola³

¹ Trabalho Final de Graduação I – TFG I

² Acadêmica do Curso de Letras – UNIFRA

lou.silveira@hotmail.com

³ Orientadora do Curso de Letras – UNIFRA

RESUMO

Este trata-se do Projeto de trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de mesma língua - Área de Ciências Humanas, do Centro Universitário Franciscano - UNIFRA, como requisito parcial para obtenção da graduação em Letras: Língua Portuguesa e respectivas Literaturas.

Palavras-chave: Geopoética; Discurso Pós- Colonial; Pepetela.

1 INTRODUÇÃO

Esta proposta investigativa organiza-se, sob o ponto de vista teórico-metodológico, como aprofundamento das pesquisas que venho realizando ao longo de minha graduação. A categoria analisada será a geopoética, por entendê-la como um *topos* de grande relevância para o debate relacionado às múltiplas questões que envolvem a linguagem e por instigar reflexões sobre a formação e determinação histórica dos sujeitos e suas representações linguístico-ficcionais.

Portanto, busca-se uma reflexão teórica sobre a geopoética, perpassada por questões identitárias, no âmbito da ficção, como uma desafiante questão na cultura contemporânea. Para isso, o livro analisado será **A geração da Utopia**, do escritor angolano Pepetela. A escolha de uma literatura emergente, como é o caso da Literatura africana de Língua Portuguesa, deve-se ao fato de que é necessário aprofundar um estudo sobre a influência que o espaço assume dentro do texto de Pepetela. Tem-se por pressuposto, nesse sentido, que, no mundo pós-moderno (o estágio da modernidade contemporânea), a cultura e a vida social estão estreitamente aliadas, na forma da estética da mercadoria, na especularização da política, no consumismo como estilo de vida. Em tal contexto, a crítica cultural - a teoria da cultura - emerge como um discurso possível para o enfrentamento das produções simbólicas enquanto representações históricas do sujeito.

Por essa perspectiva, cabe refletir sobre a (des)construção das identidades que se constituem em **A geração da utopia**, tanto sob o ponto de vista histórico quanto político,

e acima de tudo, de como o espaço de Angola foi explorado. Considera-se que as identidades resultam de formas de subjetividade cujas produções simbólicas estão atravessadas pela diferença, por diferentes divisões e antagonismos sociais, conforme categoriza Hall (2004). Deve-se considerar, igualmente, que numa cultura em movimento, alavancada especialmente pelos veículos de comunicação de massa e as novas tecnologias, a estrutura identitária está sempre aberta, num mundo marcado pela fragmentação, descontinuidade, ruptura e deslocamento. Desse modo, as identidades apresentam-se contraditórias: essas contradições atuam tanto na sociedade quanto no próprio mundo interior dos indivíduos, representando variados interesses, variadas posições de sujeito.

De acordo com Hall (2004), na modernidade tardia, a concepção de sujeito não foi apenas desagregada, mas, sobretudo, deslocada por uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno, a começar pela tradição do pensamento marxista que, com Althusser, levou ao deslocamento duas proposições-chave da filosofia moderna: a essência universal do homem, que passa a ser entendida como atributo do indivíduo singular, do sujeito real. A descoberta do inconsciente por Freud, abalando os sentidos iluministas da Razão; o trabalho sobre a linguagem de Saussure, para quem a língua é um sistema que emerge dos significados culturais; a genealogia do sujeito moderno de Foucault, que permite reconhecer o paradoxo de que, quanto mais organizada a natureza das instituições na modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito; e o impacto do feminismo, como crítica teórica e movimento social, foram os outros descolamentos que colocaram a questão da identidade no âmbito da cultura, entendendo-se que se trata de um processo em que a história se “culturaliza”, do mesmo modo que a cultura é e está sempre inscrita na dinâmica histórica. Assim esses deslocamentos repercutiram/repercutem com igual força na compreensão sobre as identidades nacionais, as quais passam a ser entendidas como processos e força de mudanças no contexto da geopoética, em que a compressão das escalas espaciais e temporais reflete sobre as identidades culturais (cf. FARIAS 2007).

Tendo em vista as alterações das noções de nação e identidade e, sobretudo, a borramento dos limites geográficos diante das novas pressões sociais advindas dos processos de globalização econômica, a literatura contemporânea tem-se desdobrado em gêneros híbridos: os modelos clássicos são retomados e refundidos, os estilos se particularizam, recusando-se assumir os lugares estéticos consagrados pelos diversos modernismos do século XX, mas também repensando as estratégias textuais associadas ao chamado pós-modernismo.

2 DESENVOLVIMENTO

Ao problematizar-se a geopoética , torna-se possível, inclusive, estreitar o conhecimento mútuo entre estudiosos de literatura de diferentes lugares e incorporar, no espaço da reflexão crítica, as representações culturais e geográficas, que se erguem entre os campos da literatura e da história, campos que partilham a pretensão do mesmo intento: a decifração do real. Na busca pela compreensão das relações que se estabelecem entre os discursos ficcional, histórico e geográfico, sobretudo por sua constituição narrativa, passa-se a trabalhar com a literatura numa perspectiva não exclusivamente formalista, mas de abertura para a questão da representação, enquanto mediação problemática entre o conhecimento e a realidade objetiva, abrindo-se o diálogo “[...] com posições que cada vez mais desafiam as fronteiras, antes tidas como nítidas ou mesmo intransponíveis entre a literatura e os discursos que a cercam” (SANTOS; VÉSCIO, 1999, p. 8).

2.1 OBJETIVOS

2.1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo central desta pesquisa é investigar, nas malhas da tessitura ficcional da **Geração da Utopia**, a busca do diálogo entre a literatura , a história e as inscrições geográficas, ou seja , apontar através de novas possibilidades reveladas a partir do imaginário da geopoética , as identidades entrecruzadas que se inscrevem no imaginário discursivo como resultantes das igualdades e das diferenças sociais, culturais e políticas, na sua interseção com o plano da memória. Isto significa ver o texto literário como lugar privilegiado na inscrição dos acontecimentos históricos e do espaço que afetam os sujeitos e suas representações.

2.1.2 ESPECÍFICOS

- Apontar as configurações do espaço na narrativa A Geração da Utopia, de Pepetela e seus entrecruzamentos com a história e a ficção;
- buscar o borramento das noções identitárias em uma literatura que se organiza atravessada por códigos históricos e geográficos permeados pelo discurso colonial como é o caso da Literatura Angolana.
- evidenciar a influência do discurso pós- colonial dentro da literatura emergente africana e seus correlativos dialéticos na configuração da identidade angolana;

- ultrapassagem de cenários reducionistas em que se encontra a Literatura Africana de Língua Portuguesa;
- aprofundar o conhecimento sobre a diversidade cultural angolana;

3 METODOLOGIA

Essa pesquisa, de caráter eminentemente bibliográfico, organiza-se em desenvolvimento e até o presente momento foi a elaboração do projeto, que consistiu em: definir o corpus de análise, buscar referencial teórico, iniciar análise e no dia 06 de julho de 2012, apresentar o projeto ao Curso de Letras do Centro Universitário Franciscano.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em **A geração da Utopia** (2000), de Pepetela, a trama se desenvolve em quatro capítulos, iniciando-se por “A Casa (1961)”, tendo sequência em “A Chana (1972)”, em seguida “O Polvo (1982)”, finalizando com “O Templo (a partir de junho de 1991)”.

A casa, situada em Lisboa, era onde viviam estudantes vindos de diversos países africanos. Nesse local, esses jovens reuniam-se e debatiam sobre suas produções intelectuais, suas ideologias e, suas angústias políticas, essas, abafadas pela ditadura salazarista instaurada em Portugal. **A Chana**, local onde se concentra a guerra africana pela independência, retratando assim, a luta de homens engajados contra o poderio português. **O polvo**, um tempo breve, um reencontro do guerrilheiro conhecido por Sábio com o seu pesadelo do passado, simbolizado na figura do polvo. **O templo**, tem no título a alusão à Igreja da esperança e alegria dos Dominus.

Trinta anos se passa dentro dessa narrativa. Tudo começa em 1961, início do enfadonho episódio da história militar portuguesa, ocorrido em Angola, 4 de Fevereiro do mesmo ano, na zona que viria a designar-se por *Zona Sublevada do Norte*, que corresponde aos distritos do Zaire, Uíje e Quanza-Norte. A Revolução dos Cravos em Portugal, a 25 de Abril de 1974, determinou o seu fim. Com a mudança do rumo político do país, o empenhamento militar das forças armadas portuguesas deixou de fazer sentido. Os novos dirigentes anunciavam a democratização do país e predispunham-se a aceitar as reivindicações de independência das colónias — pelo que se passaram a negociar as fases de transição com os movimentos de libertação empenhados na luta armada.

Reconhece-se assim, a abrangência e complexidade da narrativa de Pepetela, que para fins de periodização, enquanto produção sistematizada, conta a história de Angola de 1961 à 1991. De acordo com Francisco Salinas Portugal (1999, p. 50-51), nesse período, “desenvolve-se, em chave simbólica ou alegórica, um tipo de literatura que proclama, mesmo com violência, a sua originalidade e singularidade, mas, sobretudo, e pela via dos fatos, a sua independência a respeito

do discurso literário português”. Entretanto, de maneiras diversas, vem se desenhando, conforme Inocência Mata,

novas configurações operadas no sistema literário dos Cinco (Países Africanos de Língua Portuguesa) que se revelam motivadas por uma consciência que evoluiu da sua condição nacionalista e sente agora necessidade de repensar o país que não mais se encontra em fase de nacionalização ou na condição de emergência, mas sim do agenciamento de sua emancipação.

Pode-se compreender, assim, que se trata de uma narrativa que, ao mesmo tempo em que dialoga com o triste passado angolano, avança em direção à contemporânea realidade local e do continente africano em relação ao processo de globalização.

Desse modo, quatro contextos são apresentados por Pepetela, todos eles trazem um resgate da memória, de maneira a sedimentar o desejo de caminhos possíveis para uma realidade outra, assentada na ideia utópica de toda uma geração, que sonhava com a libertação africana do jugo português. Sobre esse último aspecto, torna-se relevante retomar as considerações de Paul Ricoeur (2007, p.22) sobre o mundo contemporâneo: “O passado não é mais garantia, eis a razão principal da promoção da memória como campo dinâmico e única promessa de continuidade”. Pode-se ler, nessa afirmativa, sem muita dificuldade, os sentidos da memória e a memória dos sentidos que atravessam a literatura das colônias africanas portuguesas, considerando-se o processo de construção do presente a articular perspectivas de superação da enorme desigualdade social que teima em desafiar o futuro.

Nesse processo, as questões identitárias ganham ênfase – “até porque”, como afirma Jane Tutikian, “a literatura é fonte de cultura e cultura é fonte de identidade” (2006, p.15). Seguindo-se suas reflexões, se a literatura é resistência, resultado e reinterveniência no tempo histórico, o que se encontra nessa narrativa africana de língua portuguesa é a problematização da situação dos colonizados, exilados, que apresentam uma nova confluência nas relações entre a ficção literária, história e geografia

Através da história da vida de Sara, Malongo, Aníbal e outros jovens africanos, faz-se a mímese da condição identitária africana ou, mais especificamente, da angolana. O conflito étnico já se deflagra ao longo de toda a narrativa. Sara, uma angolana de pele branca e família abastada, vai para Lisboa estudar medicina e, chegando lá, se envolve com Malongo, um mulato, a tempos apartado dos estudos, querendo constituir carreira no Benfica, time português, e, ao contrário de Sara, se mostra um *bom vivant*, apolítico, muito mais interessado em mulheres e bebidas.

Ao acolher Aníbal, quando este deserta do exército português, Sara compartilha o seu idealismo e pensa, inclusive, que se viesse a fazer amor com ele seria por motivo diferente daquele que a fazia entregar-se a Malongo. Com Aníbal, seria fundir-se em uma comunhão simbólica, que vinha do misticismo das origens. Sara e Aníbal compartilham alguns traços de personalidade, além do sonho comum de liberdade: ambos são reconhecidamente inteligentes, capazes e conscientes de seu papel na formação da nação angolana.

Entretanto, Sara não se vê diferente dos demais amigos de cor de pele 'oposta' a sua. Isso é que fomenta seu desejo maior por uma Angola livre e sem preconceitos raciais; também, é o que faz com que ela se forme em Medicina, fugindo de Portugal, tendo por como ideal a justiça e fraternidade. Essa utopia de união norteia sua vida. Pepetela traça perfis distintos de mulher, que operam no universo ficcional de modo a concretizar simbolicamente, em seu relacionamento com as personagens masculinas, o ideal revolucionário, a África mítica, a adoção da ótica do dominador e a falência da utopia.

O nacionalismo advindo de uma literatura emergente é o enfoque dado a essa narrativa, justamente pela história que é contada, propiciar isso. O conflito colonial é constantemente revisitado e o colonizador sempre permeará aquela sociedade, como defende Bhabha (1998, p. 111)

O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução. Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes de seus sujeitos (por exemplo, efeitos de classe, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, sistemas diversos de colonização, e assim por diante), estou me referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma "nação sujeita", apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade. Portanto, apesar do jogo no sistema colonial ser crucial para seu exercício de poder, o discurso colonial produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um "outro" e ainda assim inteiramente apreensível e visível.

A ótica dos estudantes africanos, submersos no regime salazarista, por vezes causa a falsa impressão de que, por não estarem em seu país, devam ficar alheios aos acontecimentos políticos de Portugal, um grande engano, tendo em vista que suas famílias estão em África, passando por todos os percalços decorrentes da guerrilha. A cultura Africana, é tratada com repúdio dentro da sociedade lisboeta, mas é por meio da exaltação de sua terra, é que eles conseguem, de certo modo, nos encontros na Casa, não esquecerem do seu local de pertencimento.

A chana, é quando adentra-se realmente para dentro da geografia africana, quando a miséria humana é retratada com toda crueza advinda da guerra. Momento em

que se constata a grandeza do espaço até o momento explorado e, alterado por seu colonizador e colonizado, essa geografia, pode ser vista como salienta Milton Santos (2006, p.38)

Numa primeira hipótese de trabalho, dissemos que a geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam. (...) Fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos.

Quando se fala em paisagem certamente, pensa-se no espaço, e a memória nesse sentido, ganha um lugar privilegiado, trazendo a tona conexões como os odores, sons e sabores os quais fazem parte da vida cotidiana, e por vezes, propiciam sensações diversas e inusitadas. Dentro dessa perspectiva tanto o texto literário, quanto a geografia, relacionam-se com a determinação dos sujeitos. A personagem Aníbal, é sem sombra de dúvidas, a materialização de um sujeito determinado pelo espaço, pois **A chana**, é explorada pelo guerrilheiro com uma maestria de causar inveja, esse local árido é descrito no romance como (2000, p. 143)

A chana não é um deserto, nada tem de comum com um deserto. A areia é um pormenor, não a alma do deserto. O deserto é um mundo fechado. A chana são vários mundos fechados, atravessados uns pelos outros. A complexidade da chana está na sua própria definição. Para uns, os otimistas talvez, a chana é um lugar coberto de capim rodeado por uma floresta; para outros pessimistas é um terreno sem árvore que cerca uma floresta. No fundo, porquê distinguir otimistas de pessimistas? Não será a floresta, no segundo caso, uma simples ilha, talvez um Mussulo onde coqueiros nascendo da areia procuram com seus penachos acariciar as nuvens? Ou será a chana, prosaicamente, apenas um terreno sem árvores que é preciso chegar à floresta ansiada?

Nota-se, portanto, não uma simples descrição do espaço, mas o que tudo ali nele representa. A identidade moldada pela natureza, pelo externo. Uma cultura plural, forjada, entendendo cultura como “a soma dos comportamentos, dos sabe-res, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte” (CLAVAL, 2001, p. 63).

5 CONCLUSÕES

Como resultado prévio dessa pesquisa , que encontra-se na fase de elaboração, conclui-se que **A geração da Utopia** (2000), é uma narrativa cuja trama é construída a partir do discurso da história . Essa historia, alavancada por personagens e lugares distintos, idas e vindas no tempo, a terrível descoberta da utopia e, a constatação de que os ciclos são eternos.

REFERÊNCIAS

BABHA, Homi K. . *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BECKET, Ian et all. *A Guerra no Mundo, Guerras e Guerrilhas desde 1945*. Lisboa: Verbo, 1983.

FARIAS, Vera Elizabeth Prola. *Representação da História e registro de Identidade em Quarup, de Antônio Callado, e A geração da Utopia, de Pepetela: nos impasses da modernidade*. Tese de Doutorado. Santa Maria: UFSM, 2010.

CLAVAL, P. *A epistemologia da geografia*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MATA, Inocência. *O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa*.2009.

PEPETELLA. *A Geração da Utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANTOS, Pedro Brum; VÉSCIO, Luiz Eugênio. *Literatura e História – perspectivas e convergências*. São Paulo: EDUSC, 1999.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas – o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzato, 2006.